

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS E DA TERRA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

VINÍCIUS BURLE FERREIRA ARAUJO CRUZ

OS CINEMAS COMO FORMAS URBANAS: OS PADRÕES ESPAÇO-TEMPORAIS DA
EXIBIÇÃO CINEMATOGRAFICA EM COPACABANA (1909–2021)

Rio de Janeiro

2023

VINÍCIUS BURLE FERREIRA ARAUJO CRUZ

OS CINEMAS COMO FORMAS URBANAS: OS PADRÕES ESPAÇO-TEMPORAIS DA
EXIBIÇÃO CINEMATOGRAFICA EM COPACABANA (1909–2021)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Geografia da Universidade Federal
do Rio de Janeiro como requisito para a
obtenção parcial do título de bacharel em
Geografia.

Orientador: Prof. Paulo Cesar da Costa
Gomes.

Rio de Janeiro

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

B957c Burle Ferreira Araujo Cruz, Vinicius
OS CINEMAS COMO FORMAS URBANAS: OS PADRÕES ESPAÇO
TEMPORAIS DA EXIBIÇÃO CINEMATOGRAFICA EM COPACABANA
(1909-2021) / Vinicius Burle Ferreira Araujo Cruz. --
Rio de Janeiro, 2023.
35 f.

Orientador: Paulo Cesar da Costa Gomes.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto
de Geociências, Bacharel em Geografia, 2023.

1. Cinemas. 2. Copacabana. 3. Rio de Janeiro. 4.
Geografia Urbana. 5. Espaço Urbano. I. da Costa
Gomes, Paulo Cesar, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

VINÍCIUS BURLE FERREIRA ARAUJO CRUZ

OS CINEMAS COMO FORMAS URBANAS: OS PADRÕES ESPAÇO-TEMPORAIS DA
EXIBIÇÃO CINEMATOGRAFICA EM COPACABANA (1909–2021)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Geografia da Universidade Federal
do Rio de Janeiro como requisito parcial para a
obtenção do título de bacharel em Geografia.

Aprovada em: xx/xx/xxxx.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Paulo Cesar da Costa Gomes (Orientador)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof^ª. Leticia Parente Ribeiro (Avaliadora)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

RESUMO

Dentre os bairros da cidade do Rio de Janeiro que ficaram conhecidos pela concentração de salas de cinema, Copacabana se mostra como um caso significativo, visto que o conjunto de cinemas do bairro alcançou expressão notável em seu período de auge, com 16 cinemas ativos simultaneamente. Foi, assim, o segundo bairro com maior número de salas em dado período (1911–1970), atrás apenas da Tijuca (SOUSA, 2019), cuja expansão da atividade foi analisada anteriormente (FERRAZ, 2009). Dado a relevância da atividade em Copacabana, o objetivo geral desta pesquisa é compreender os padrões espaço-temporais do conjunto de cinemas do bairro de 1909, ano da inauguração da primeira sala de cinema fixa, até 2021, data do fechamento do Roxy, último cinema ativo de Copacabana.

Os procedimentos utilizados consistiram em, primeiramente, descrever as características dos cinemas de Copacabana (tempo de atividade, capacidade, localização) a partir dos dados obtidos no catálogo confeccionado por Gonzaga (1996) e no acervo de periódicos da Biblioteca Nacional. Esses parâmetros foram utilizados para criar uma periodização das diferentes configurações espaciais do conjunto de salas de cinema de Copacabana.

Como resultados identificamos dois eixos de concentração de salas formados em períodos distintos: o *cluster* com cinco cinemas próximo ao posto 4, que respondia por mais da metade da capacidade de público do bairro entre 1942 e 1997 (6715 dos 8176 assentos em 1950), e posteriormente, de 1958 a 1969, formou-se outro agregado com cinco cinemas adjacentes no sul de Copacabana, próximo a Ipanema. A periodização indicou três momentos da atividade. O primeiro, que se estende de 1909 a 1940, contou com cinemas que de forma geral não obtiveram sucesso e fecharam após pouco tempo. No segundo, de 1941 a 1985, a atividade se consolida e passa a crescer rapidamente, contando com um alto número de inaugurações e manutenção das salas já existentes, é nesse período que o bairro atinge o ápice de cinemas simultâneos com 16 cinemas em 1969. O último período, entre 1986 e 2021, apresentou uma queda gradativa, acentuada no final dos anos 90, sem abertura de salas e com o fechamento dos cinemas ativos, até o fim do Roxy em 2021, que também consistiu no fim da atividade no bairro.

Palavras-chave: Cinemas; Copacabana; Rio de Janeiro; Geografia Urbana; Espaço Urbano

ABSTRACT

Among the neighborhoods in the city of Rio de Janeiro that became known for the concentration of movie theaters, Copacabana is a significant case, since the set of cinemas in the neighborhood reached a notable expression in its heyday, with 16 cinemas simultaneously active. It was, therefore, the second neighborhood with the highest number of theaters in a given period (1911–1970), behind only Tijuca (SOUSA, 2019), whose expansion of activity was previously analyzed (FERRAZ, 2009). Given the relevance of activity in Copacabana, the general objective of this research is to understand the space-time patterns of the set of cinemas in the neighborhood from 1909, the year the first cinema opened, until 2021, the closing date of the Roxy, the last active cinema in Copacabana.

The procedures consisted of, firstly, describing the characteristics of the Copacabana movie theaters (uptime, capacity, location) based on data obtained from the catalog prepared by Gonzaga (1996) and from the collection of periodicals at the Brazilian National Library. These parameters were used to create a periodization of the different spatial configurations of the set of movie theaters in Copacabana.

As a result, we identified two axes of concentration of movie theaters formed in different periods: a cluster with five cinemas close to Posto 4, which accounted for more than half of the public capacity of the neighborhood between 1942 and 1997 (6715 of the 8176 seats in 1950), and later, from 1958 to 1969, another cluster was formed with five adjacent cinemas in the south of Copacabana, close to Ipanema. The periodization indicated three moments of the activity. The first, which extended from 1909 to 1940, had cinemas that were generally unsuccessful and closed after a short time. In the second, from 1941 to 1985, the activity consolidated and grew rapidly, with a high number of openings and maintenance of existing rooms, it is during this period that the neighborhood reached the peak of simultaneous cinemas with 16 cinemas in 1969. The last period, between 1986 and 2021, presented a gradual decline, accentuated in the late 1990s, with no openings and the closure of the still active cinemas, until the end of Roxy in 2021, which also consisted of the end of activity in the neighborhood.

Keywords: Movie Theaters; Copacabana; Rio de Janeiro; Urban Geography; Urban Space.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cadeia de produção simplificada e generalizada das indústrias culturais.....	11
Figura 2 – Esquema gráfico do eixo Nossa Senhora de Copacabana como proposto por Sousa (2019).....	16
Figura 3 – Mapa com a localização das salas de cinema de Copacabana (1909-2021).....	28
Figura 4 – Mapa com o <i>cluster</i> central de salas de cinema em Copacabana.....	29
Figura 5 – Mapa do Cluster da ala sul de Copacabana.....	30
Figura 6 – Mapa com a distribuição espacial das salas de cinema de Copacabana em 1940.....	31
Figura 7 – Mapa com a distribuição espacial das salas de cinema de Copacabana em 1969.....	32
Figura 8 – Mapa com a distribuição espacial das salas de cinema de Copacabana em 1985.....	33

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número de salas ativas simultaneamente em Copacabana por ano (1909-2021).....	23
Gráfico 2 – Capacidade de público do conjunto de salas de cinema de Copacabana (1909-2021)	24
Gráfico 3 – Distribuição temporal das salas de cinema de Copacabana por tipo (1909-2021)	26
Gráfico 4 – Periodização ilustrada a partir da quantidade de salas de cinema ativas....	27

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Lista dos cinemas de Copacabana com endereço, período de atividade e tempo de atividade (1909-2021)	
.....	20
Tabela 2 – Lista dos cinemas de Copacabana com endereço, período de atividade e tempo de atividade (1909-2021)	
.....	21

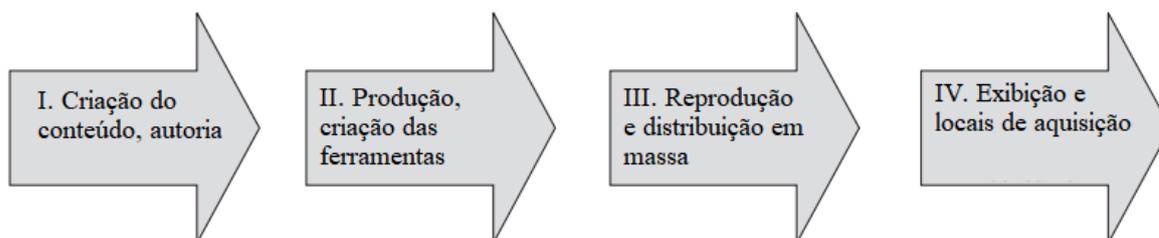
SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	OBJETIVOS	14
3	METODOLOGIA	14
4	CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA DO BAIRRO DE COPACABANA	17
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	19
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
7	REFERÊNCIAS	34

1 - INTRODUÇÃO

O cinema é um lugar. Além da conceituação mais geral que designa o cinema como o conjunto dos processos materiais e simbólicos da prática cinematográfica que tem no filme o produto final desses processos (FIORAVANTE, 2016), o termo “cinema” também remete mais especificamente ao espaço físico concebido para a projeção e experiência sensorial dos filmes por um público. Sendo o cinema uma indústria cultural, é possível observá-la a partir dos processos da cadeia de produção dessas indústrias (Figura 1), que de forma simplificada Pratt (2011) definiu em quatro etapas. A primeira se refere aos processos de criação intelectual dos produtos culturais, o momento de autoria, de criação do *design*. A segunda etapa é onde a materialização como produto ocorre de fato, momento no qual se monta a infraestrutura para execução e em sequência ocorre a produção. Na terceira, se constroem as ferramentas necessárias para a reprodução e distribuição em massa do item para o consumidor final. A etapa final corresponde ao momento de exibição desse produto cultural em localidades destinadas à compra ou ao consumo *in loco* desses produtos.

Figura 1: Cadeia de produção simplificada e generalizada das indústrias culturais



Fonte: adaptado de Pratt (2011)

Dessa forma, é possível observar que no sistema de produção da indústria cinematográfica, a partir da ótica das indústrias culturais, as salas de cinemas fazem parte da etapa IV, ao final da cadeia, que consiste em sua exibição ao público consumidor. As salas de cinema eram, até um determinado momento, a única forma de se apresentar os filmes para um público, sendo indispensáveis para a perpetuação da cadeia. Entendemos então que essa necessidade de difusão dos filmes atua na produção do espaço urbano à medida que se constroem formas espaciais com a função primária de exibição cinematográfica. Por forma e função, remetemos às categorias de análise do espaço geográfico propostas por Santos (1985) apud Corrêa (1995), para o qual a forma é o aspecto visível ou externo de um objeto geográfico, e a função é a atribuição dada a essa forma.

Seguindo essa linha, é possível constatar que a espacialidade do cinema, tanto como espaço físico quanto como conjunto dos processos da prática cinematográfica, se configura como um dos potenciais temas da geografia. Segundo Sousa (2014), a geografia humana trabalhou o cinema sob duas perspectivas. A primeira analisa o espaço fílmico, ou seja, o cenário diegético onde ocorrem os eventos dos filmes, suas imagens e representações. A segunda trabalha os cinemas como objetos espaciais fixos, que refletem e condicionam as dinâmicas do espaço geográfico (CORRÊA, 1996 *apud* SOUSA, 2014), integrantes do espaço urbano e compondo os circuitos econômicos da cidade. Já Fioravante (2016) em sua análise bibliométrica sobre a produção acadêmica na temática indica quatro principais linhas de pesquisa a partir das quais a geografia trabalha com o cinema: cinema e o ensino de geografia; indústria cinematográfica e geografia; geopolítica e cinema; e geografia, humanismo e representações cinemáticas. Acreditamos que a presente investigação se insere na segunda perspectiva apontada por Sousa (2014) e dentro dos estudos a respeito da geografia da indústria cinematográfica indicados por Fioravante (2016), já que, como explicitamos anteriormente, pretendemos estudar as salas de cinema como formas urbanas. É de interesse destacar também, como aponta Fioravante (2016), que a tradição geográfica esteve mais associada ao estudo das imagens que são produzidas pelos filmes e dos significados geográficos que advém dessas imagens do que à perspectiva locacional, da sala de cinema enquanto lugar. Desse modo, acreditamos que esta é uma área negligenciada no estudo das relações entre geografia e cinema e que ainda existem ricas possibilidades de análise em aberto.

Reiterando novamente que consideramos os cinemas como formas urbanas passíveis de serem estudadas pela Geografia, avançamos então para o estudo de caso proposto, que tem como recorte o conjunto de salas de cinema de um bairro da metrópole carioca. Iniciando com a exposição de uma visão mais geral da atividade na cidade, o Rio de Janeiro apresenta um longo histórico com a atividade de exibição cinematográfica, como mostra Gonzaga (1996), desde o aparecimento dos cinematógrafos no final do século XIX, passando pela concentração da atividade no centro da cidade e a construção dos grandes palácios cinematográficos no início do século XX, atravessando posteriormente uma descentralização na difusão de novas salas, com emergência de bairros suburbanos, da zona sul e da zona oeste, até a migração dos cinemas para os *shopping centers* sob o formato de *multiplex*, que permitem a exibição de múltiplos filmes em um conjunto de salas menores e a popularização do *home video*¹. Atualmente,

¹ Por *home video* queremos dizer o conjunto de maneiras de se consumir filmes em casa, fora dos tradicionais cinemas, tendo se popularizado nos anos 80 a partir da difusão de tecnologias como a TV a cabo, o VHS, o DVD, e posteriormente a *internet* (KLINGER, 2006). Esses novos modos de consumir alteraram profundamente a

observa-se uma constante redução do número de salas de cinemas ativas, indicando uma decadência da atividade na cidade do Rio de Janeiro.

Como dito anteriormente, apesar da difusão espacial inicial das salas de cinema pelo Rio de Janeiro ocorrer no centro da cidade, na Cinelândia, em um segundo momento, a expansão da atividade alcançou expressividade em outras partes da cidade. Nesse novo cenário, alguns bairros se destacaram pela concentração de salas de cinemas, como a Tijuca, que formou o principal núcleo de cinemas após a Cinelândia (FERRAZ, 2009), e Copacabana, bairro que pouco a pouco se tornava um importante subcentro comercial da cidade.

A exibição cinematográfica em Copacabana se mostra um caso significativo, marcado por uma euforia inicial, caracterizado pela incorporação da prática de ir aos cinemas a uma já efervescente vida cultural do bairro (O'DONNELL, 2011). Para além disso, o conjunto de cinemas do bairro teve em seu período de auge um tamanho notável, possuindo 16 cinemas ativos simultaneamente, sendo o segundo com mais salas, atrás apenas da Tijuca (SOUSA, 2019). Assim como o próprio bairro, a distribuição espacial dos cinemas de Copacabana foi se remodelando, assumindo novas características conforme a atividade se consolidava. Entretanto, experienciou posteriormente um gradativo declínio do número de salas ativas e, com o encerramento das atividades do cinema Roxy em 2021, Copacabana não possui mais cinemas ativos em sua extensão.

O fim da atividade num bairro tão notadamente marcado por seus cinemas, simboliza não apenas o avanço de mudanças culturais que o consumo de filmes experienciou nas últimas décadas, mas também uma mudança nos usos do espaço urbano do bairro, cujas dinâmicas imobiliárias se alteraram e esses espaços assumiram novos usos. Desse modo, partindo do fim de uma atividade que, em outro momento histórico, possuía relevância, é possível retroceder e observar as dinâmicas espaço-temporais específicas da exibição cinematográfica e como elas foram mudando ao longo do tempo em Copacabana.

2 - OBJETIVOS

Como objetivo geral buscamos compreender como se deu a distribuição dos padrões espaço-temporais das salas de cinemas de Copacabana de 1909 a 2021, período no qual havia salas em atividade no bairro. Por padrões espaço-temporais a intenção é abarcar

indústria cinematográfica nas últimas décadas, que deixou de ter as salas de cinema como único ponto de distribuição e consumo de filmes (KLINGER, 2006)

simultaneamente as dimensões espacial e temporal na análise, uma vez que essas são indissociáveis. A investigação da distribuição desses padrões mostra não apenas os elementos estáticos de um dado momento, mas também os processos que se deflagraram ao longo dos diferentes períodos.

Derivam daí os objetivos secundários, focados nos aspectos que compõem os padrões espaço-temporais a serem examinados, como a identificação das transformações na disposição espacial do conjunto de salas de cinema de Copacabana e como essas transformações se distribuíram ao longo do tempo, nos períodos da atividade de exibição cinematográfica no bairro de Copacabana.

3 - METODOLOGIA

Para trabalharmos o conjunto de salas de cinema localizadas no bairro de Copacabana, foi necessário organizar as informações presentes na literatura a respeito das características dos cinemas da cidade do Rio de Janeiro desde os primórdios da atividade. Nesse intuito, foi extraído do catálogo confeccionado por Gonzaga (1996) as variáveis relevantes dos cinemas que se instalaram em Copacabana. Sousa (2019), que também utilizou os dados de Gonzaga (1996) como fonte principal, alertou sobre algumas limitações que essa base de dados possui. Isso se dá devido à heterogeneidade da origem dos dados, baseado em quinze fontes diferentes, como o Anuário Estatístico do Distrito Federal do IBGE, listas telefônicas da cidade do Rio de Janeiro, cadastro de cinemas da Embrafilme e recortes dos jornais de maior circulação na cidade (SOUSA, 2019). Assim, há dados discordantes e informações ausentes em diferentes pontos do catálogo, que foram corrigidas a partir de outras fontes bibliográficas quando possível, mas ainda assim, devido à riqueza da compilação inicial, essa fonte ainda é a principal base de dados sobre as informações técnicas das salas de cinema do Rio de Janeiro. Desse catálogo, extraímos as informações sobre: os nomes dos cinemas e suas variações ao longo do tempo, os endereços, as datas de abertura e fechamento das salas, os períodos de funcionamento, a capacidade de público de cada sala, e o nome do proprietário ou do grupo exibidor responsável por cada estabelecimento. Esses dados, entretanto, só se estendem até 1996, o ano da publicação, tendo sido necessário complementá-los com informações posteriores sobre aberturas ou fechamentos para alcançar integralmente o recorte temporal aqui objetivado. Essas foram obtidas no acervo hemerográfico da Biblioteca Nacional e no acervo do O Globo, partindo de 1997 até 2021. Para isso, utilizou-se como palavra-chave os nomes dos cinemas que ainda estavam abertos em 1996

para verificar nesses acervos quando foi noticiado o fechamento das salas. Também foi utilizada a classificação tipológica das salas de cinema cariocas fruto da análise de Sousa (2013), que os divide em: “galpões; cafés-concerto; cine-teatros; saletas; salas paroquiais; palácios cinematográficos; salas 16mm; salas de galeria; grandes salas técnicas; salas acopladas a edifícios; cineclubes; salas geminadas; *drive-in*; salas em centros culturais e museus; salas de *shopping center*; *multiplex*; *megaplex*” (SOUSA, 2013, p. 256). As salas do bairro foram classificadas a partir dos dados de Gonzaga (1996) e do que foi coletado no acervo hemerográfico.

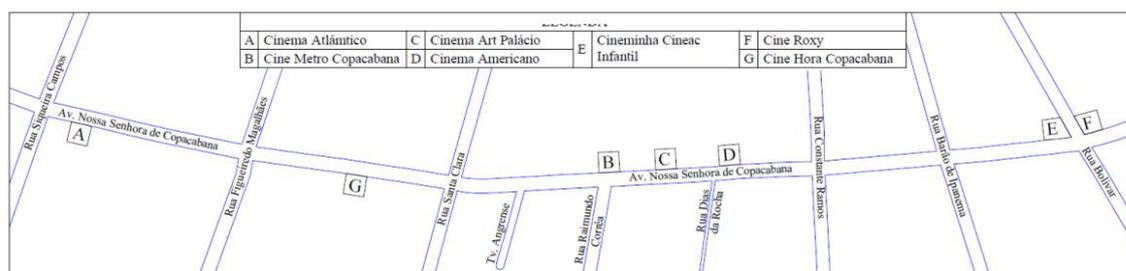
Após organizadas em planilhas, as informações obtidas permitiram a confecção de mapas e gráficos que apresentam os padrões espaço-temporais de distribuição das salas de cinema, uma vez que foram extraídas tanto as variáveis espaciais, como os endereços e capacidade, quanto temporais, como o período de atividade e as datas de abertura e fechamento, sendo possível integrá-las na análise. Primeiramente, foi feita uma periodização da evolução do conjunto de salas de cinema do bairro, utilizando principalmente as informações de quantidade de cinemas por ano e a soma da capacidade de público das salas por ano. Assim, chegamos em três períodos distinguíveis por eventos-chave: 1909-1940, que começa com a inauguração do Cinema Copacabana em 1909² e se encerra com a inauguração, em 1941, do Metro Copacabana, que consolidou, juntamente ao Roxy aberto três anos antes, um novo momento da atividade com um conjunto imponente de recém-inaugurados palácios cinematográficos. No período de 1941 a 1985, registrou-se o maior número de salas de cinema ativas, chegando a 16 salas simultâneas em 1969. O último período se inicia após o fechamento de três dos palácios cinematográficos de Copacabana: Rian, Caruso Copacabana e Royal, no qual, a partir desse marco, os fechamentos passaram a ser recorrentes nas décadas de 1990 e 2000, até o fim dos cinemas no bairro em 2021, com o encerramento das atividades do Roxy. É importante contrapor a periodização proposta aqui, com a periodização mais geral proposta por Sousa (2019), com os seguintes períodos: 1896-1910, 1911-1970, 1971-1995. Acreditamos que tal periodização atende aos interesses de pesquisa da autora que teve como recorte espacial toda a cidade do Rio de Janeiro, que encerrou o seu recorte temporal com a data do fim dos registros

² Trataremos como primeira sala de cinema fixa do bairro o Cinema Copacabana inaugurado em 1909, entretanto há que ser mencionada a exclusão do Copacabana Animatógrafo localizado na Praça Malvino Reis (atual Serzedelo Corrêa), que teve uma única sessão em 1896. Animatógrafo foi um de diversos termos utilizados no Brasil para as máquinas que funcionavam sob o mesmo princípio do Cinematógrafo, que por sua vez é a invenção de 1895 dos irmãos Lumière que permitiu a projeção da reprodução acelerada de fotogramas, que dava a ilusão de movimento (REIS JUNIOR, 2008). Quando a inovação chegou ao Rio de Janeiro no final do século XIX, diversas salas provisórias foram abertas na cidade para exibir a novidade e depois de poucas sessões essas salas eram desmontadas (GONZAGA, 1996). O Copacabana Animatógrafo é um desses casos e, portanto, não será trabalhado junto com as salas fixas que viriam a se instalar no bairro devido a sua extrema efemeridade.

da fonte de dados de Gonzaga (1996). Dessa forma, entendemos que tais períodos não se adequam especificamente ao bairro de Copacabana, e assim sugerimos os períodos expostos acima.

Outro procedimento realizado foi o levantamento dos eixos de concentração de cinemas pela malha urbana de Copacabana. Já havia sido constatado anteriormente por Sousa (2019) a importância da Avenida Nossa Senhora de Copacabana como vetor principal de expansão da atividade. Entretanto, por ser uma via longa (3 quilômetros) e, portanto, heterogênea, que atravessa todo o bairro, optamos por uma escala menor na definição desses eixos, pois no próprio caso da Avenida Nossa Senhora de Copacabana, há cinemas apartados por quilômetros, mas que estão localizados na mesma rua, enquanto há cinemas muito próximos do eixo central da Avenida mas pertencentes a outro logradouro.

Figura 2: Esquema gráfico do eixo Nossa Senhora de Copacabana como proposto por Sousa (2019)



Fonte: Sousa (2019)

Dessa forma, utilizamos como parâmetros para definir os *clusters* de salas, para além da proximidade espacial, a capacidade de público dos subconjuntos, o período de atividade coletivo dos cinemas integrantes de cada eixo, e também se havia sobreposição de proprietários nesses eixos tendo em vista a ocorrência de uma possível sinergia corporativa entre os cinemas de cada eixo.

Por fim, foram analisadas as diferentes disposições espaciais dos cinemas de Copacabana em momentos-chave da atividade. Observar, por exemplo, qual foi o auge da atividade, como as salas estavam distribuídas nesse momento, e quais foram as primeiras salas a fechar após esse período, em momento-chave posterior. Foram assim produzidos mapas dos três momentos-chave, apontados anteriormente na periodização: 1940, transição entre os primeiros períodos, 1969, ano de auge do conjunto com 16 cinemas e 1985, transição para o período de descenso no número de salas ativas. Averiguou-se a configuração espacial dos conjuntos nesses, com foco nas tendências de instalação e eventos importantes da atividade de exibição cinematográfica.

4 - CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO DO BAIRRO DE COPACABANA

Antes de apresentar os resultados é relevante realizar uma breve contextualização da área de estudo, de sua evolução espaço-temporal. O bairro de Copacabana teve um desenvolvimento com características bem singulares se comparado a outros bairros da cidade do Rio de Janeiro. Por questões de acessibilidade, Copacabana foi, até o final do século XIX, uma localidade isolada da cidade com poucas habitações, algumas chácaras e casarios, uma população de pescadores e uma infraestrutura urbana escassa e precária (VELHO, 2006). Havia apenas três caminhos que ligavam Copacabana à cidade, um vindo de Botafogo passando pelas atuais rua Siqueira Campos e Ladeira dos Tabajaras, o segundo vindo da atual rua da Passagem em Botafogo e descendo pela ladeira do Leme, e um último vindo da Lagoa Rodrigo de Freitas, atravessando Ipanema e a praia do Arpoador, entretanto todos esses trajetos tinham empecilhos, seja por questões de precariedade ou por tempo gasto (CARDOSO *et al.*, 1981). Dessa forma, alguns marcos importantes para a formação do bairro foram a construção do túnel Real Grandeza, atual Alvorada, em 1892, a consequente ampliação da linha de bondes que iam até Copacabana (VELHO, 2006), e o início do empreendimento da Avenida Atlântica em 1906, conferindo acessibilidade ao bairro. Assim, como argumenta Abreu (1988), a integração de Copacabana ao espaço urbano foi majoritariamente promovida pelo poder público.

Após esse primeiro momento, junto ao crescimento demográfico, as obras públicas e a valorização de uma cultura balneária começaram a moldar o bairro. Como exemplo, o saneamento do bairro ocorreu em 1910, notavelmente anterior aos bairros suburbanos, que possuíam uma ocupação maior e mais antiga, e em 1911 o bairro recebeu calçamento, demonstrando a predileção do poder público com o bairro, no âmbito do planejamento urbano (ABREU, 1988), ainda que nesse momento era pouco habitado, alcançando 20.000 moradores em 1910 (RIOTUR, 1992). Copacabana começa a se alterar de modo mais claro a partir do final da década de 1930 e início da década de 1940, a mudança foi caracterizada pelo aparecimento do tipo arquitetônico de edifício de apartamentos, Copacabana sendo o primeiro bairro residencial do Rio de Janeiro que adotou predominantemente os edifícios, com progressiva defasagem dos outros tipos de habitação (VELHO, 2006). De início, ocorreu a substituição do casario por edifícios de 4 a 5 andares em 1930, com o gabarito aumentando para 8 a 12 andares na década de 1940, e com o censo do bairro registrando 40% dos moradores morando em prédios no período (ABREU, 1988). Segundo esse mesmo censo de 1940, a população de

Copacabana quase quadruplicou, chegando a 74.133 habitantes (RIOTUR, 1992). Nesse período do pós-guerra o crescimento vertical se acelerou ainda mais, com um ainda mais novo perfil de apartamentos quarto-e-sala, de tamanho reduzido (30 a 60 metros). Já na década de 1960 buscaram-se novas maneiras de expandir o crescimento, visto que não havia sobrado mais casas para demolir, iniciando então a demolição de edifícios menores e mais antigos (VELHO, 2006). Em 1969, 98,8% das moradias eram apartamentos e a população do bairro chega perto dos 250 mil (VELHO, 1972), o maior número que o bairro veio a registrar.

Portanto, nesse período do pós-guerra nas décadas de 1950, 1960 e 1970, Copacabana se consolida como um subcentro importante da cidade do Rio de Janeiro, dada a seu centro comercial de grande escala e áreas residenciais densamente habitadas, uma “cidade dentro da cidade” (GEIGER, 1963, p. 175 *apud* ABREU, 1988, p. 112). Simultaneamente ao crescimento econômico-demográfico do bairro, Copacabana foi se consolidando como um efervescente centro cultural da cidade. Como mostra O'Donnell (2011), nas primeiras décadas do século XX, houve a execução de um projeto praiano para o bairro, intrinsecamente conectado à heterogênea elite social carioca. Isso gerou uma ressignificação do bairro, anexando-o a um *status* elitizado, sem, entretanto, se tornar um bairro exclusivo às classes abastadas. O crescimento demográfico e a verticalização, expostas anteriormente, bem como a expansão das favelas do bairro, mudam um pouco esse cenário, e tornam o bairro ainda mais complexo socialmente.

Apesar da euforia que a verticalização e o crescimento trouxeram ao bairro, já nos anos 50 o bairro começa a experimentar uma saturação, pois o setor imobiliário não conseguia acompanhar o ritmo de crescimento e atender os anseios de uma classe média que desejava se mudar para o bairro, nem mesmo com a construção dos quarto-e-sala já citados e a permissão do aumento do gabarito mínimo de altura para a construção de novos prédios (RANGEL, 2003). É, portanto, nesse momento que tem início um processo de desvalorização do bairro tendo como fatores o superpovoamento, a queda do padrão habitacional, a proliferação dos tradicionais problemas urbanos (poluição atmosférica e sonora, trânsito intenso, violência etc.) e a incorporação das classes populares (RANGEL, 2003). Com isso, Copacabana foi progressivamente perdendo moradores: foi de 239.256 habitantes em 1970, para 216.699 em 1980, 169.680 em 1991 e 161.201 em 2000 (VELHO, 1999). Não houve apenas um decréscimo de população, o perfil do bairro se alterou, tornou-se decadente e perdeu o seu *status* de outrora, podendo ser exemplificado pela alteração do tipo de comércio instalado, com a diminuição das lojas com produtos de luxo e a disseminação de lojas mais populares (RANGEL, 2003).

5 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Finalizado o panorama da evolução urbana do bairro de Copacabana, apresentamos nessa seção os resultados e apontamentos advindos da investigação dos padrões espaço-temporais da atividade de exibição cinematográfica em Copacabana.

Primeiramente, apresentamos na Tabela 1 a lista compilada de todas as salas fixas de cinema de Copacabana que estiveram em funcionamento, juntamente com seus endereços, períodos de atividade e o tempo, em anos, que as salas ficaram abertas, utilizando para isso os dados do catálogo de Gonzaga (1996). Dessa lista podemos perceber a grande variabilidade no tempo em que cada sala ficou em funcionamento, com algumas permanecendo abertas por quase um século como o Cinema Americano (87 anos) e o Cine Roxy (83 anos). Outras, entretanto, fracassaram e ficaram abertas apenas por alguns anos, com a maioria das outras salas ficando no meio termo entre esses dois exemplos. Esse dado é um possível indicativo do papel que cada sala exerceu no espaço urbano e na identidade do bairro, no desenrolar da atividade. Por exemplo, o fechamento do Americano foi mais veiculado em jornais, e gerou muito mais debate e lamentação dos moradores do que o fechamento de salas que permaneceram por menos tempo no bairro, como mostram os registros hemerográficos desses momentos.

Destacamos também que o tempo médio que uma sala de cinema ficou aberta em Copacabana é de aproximadamente 30 anos, demonstrando que apesar de algumas salas terem uma permanência fugaz no espaço urbano, em especial as do início da atividade, a maioria das salas (18 das 23, aproximadamente 78%) conseguiu permanecer aberta por pelo menos duas décadas. Indicamos também que essa permanência varia conforme a data de abertura, com as salas pós-1950 possuindo, no geral, uma solidez maior, ou seja, menos salas que deixaram de funcionar nos anos imediatos após a abertura.

Tabela 1: Cinemas de Copacabana com endereço, período de atividade e tempo de atividade (1909-2021)

Nome	Endereço	Período em atividade	Tempo de atividade (anos)
Cinema Copacabana	Praça Malvino Reis (Serzedelo Corrêa), 20	1909-1912	3
Cinema Copacabana	Rua Siqueira Campos, 53	1913-1917	4
Cinema Americano	Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 801	1916-2003	87
Cinema Atlântico	Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 580	1919-1955	36
Cinema Copacabana	Rua Siqueira Campos, 58	1921-1922	1
Copacabana Cassino Teatro	Avenida Atlântica, 1702	1924-1944	20
Cinema Varieté	Avenida Atlântica, 4240	1935-1942	7
Cine Roxy	Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 945	1938-2021	83
Cine Metro Copacabana	Avenida Nossa Senhora de Copabana, 749	1941-1977	37
Cinema Rian	Avenida Atlântica, 2964	1942-1983	41
Cineminha Cineac Infantil	Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 921	1948-1948	0
Cine Alvorada	Rua Raul Pompéia, 17	1949-1969	20
Cinema Art-Palácio	Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 759	1950-2001	51
Cinema Royal	Avenida Atlântica, 3806 (subsolo, loja G)	1952-1985	33
Cine Alaska	Avenida Atlântica, 3806 (subsolo, loja H)	1953-1977	24
Cine Caruso Copacabana	Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 1362	1954-1984	30
Cine Ricamar	Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 360 B	1958-1994	36
Cine Riviera	Rua Raul Pompéia, 102	1958-1995	37
Cine Flórida	Rua Siqueira Campos, 74	1959-1969	10
Cinema Paris Palace	Avenida Prado Júnior, 261	1961-1996	17
Cine Bruni Copacabana	Rua Barata Ribeiro, 502 C	1961-1995	34
Cine Condor Copacabana	Rua Figueiredo Magalhães, 286 loja H	1966-1997	31
Cine Hora	Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 680 Loja H	1969-2005, 2011-2020	45

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados de Gonzaga (1996)

A tabela 2 por sua vez inclui informações relevantes de caráter espacial, como o tipo da sala, a capacidade de público e as alterações ao longo do tempo, bem como os diferentes proprietários desses estabelecimentos. A análise tipológica mostra variedade de tipos em Copacabana, com o tipo mais frequente sendo os palácios cinematográficos, com sete exemplares, mas sem predomínio claro, visto que havia também seis salas de galeria. Isso aponta para algumas características do conjunto, como a predileção em se instalar salas luxuosas e de grandes proporções, visto que 11 das 23 salas tinham capacidade para mais de 800 pessoas.

A respeito dos proprietários e grupos exibidores, observa-se poucos nomes recorrentes que administraram os empreendimentos, e também uma certa volatilidade no período de tempo que mantinha a posse das salas. Há que se salientar que conforme a consolidação da atividade como um todo no Rio de Janeiro e em Copacabana, alguns poucos *entrepreneurs* mais bem-sucedidos passaram a conduzir pequenas redes internas de salas dentro de Copacabana. Destacam-se Luiz Severiano Ribeiro e seus sócios, que administravam quatro cinemas, e Lívio Bruni e seus sócios, que chegaram a dirigir cinco cinemas. Esses nomes não apenas

participaram na instalação de novas salas como também compraram salas antigas dentro do bairro.

Tabela 2: Os tipos, a capacidade de público e os proprietários das salas de cinema de Copacabana (1909-2021)

Nome	Tipo	Capacidade	Proprietários (Grupo Exibidor)
Cinema Copacabana	Saleta	160 lugares	Sá Ferreira e Cia.
Cinema Copacabana (2)	Saleta	?	Joaquim Simões Galvão dos Santos
Cinema Americano	Palácio cinematográfico	1215 lugares (1916), 984 lugares (1953), 712 lugares (1996)	Alfredo da Costa Palmeira (1916-1920), Taranto e Queiroz (1920-1923), Ponce Irmão e Cia. (1923-1926), Exibidores Reunidos Sociedade Ltda. (1927-1931), Luiz Severiano Ribeiro S. A. Comércio e Indústria (1932- 2003)
Cinema Atlântico	Palácio cinematográfico	986 lugares (1919), 961 (1939)	Luiz André Guimomard, Luiz Severiano Ribeiro (1926), Exibidores Reunidos Sociedade Ltda. (1927-1931), Luiz Severiano Ribeiro S. A. Comércio e Indústria (1932 - 1938), Vital Ramos de Castro (1938-1955)
Cinema Copacabana (3)	Saleta	?	?
Copacabana Cassino Teatro	Sala-teatro	20 frisas (100 lugares), 22 camarotes (110 lugares) e 870 poltronas (1080 lugares no total)	Hotéis Palace Ltda.
Cinema Varieté	Sala-teatro	520 lugares	Vital Ramos de Castro
Cine Roxy	Palácio cinematográfico (1938-1990) Multiplex (1991-2021)	1761 lugares (1941), 1802 lugares (1960), 1771 lugares (1969), 1735 lugares (1977) 1630 lugares (1990), Roxy 1 400 lugares, Roxy 2 400 lugares, Roxy 3 300 lugares (1100 lugares no total) (1991)	Companhia Brasileira de Cinemas (1938-1960), Empresa Cinemas São Luiz (1961-1991), Grupo Severiano Ribeiro (1991-2021)
Cine Metro Copacabana	Palácio cinematográfico	1708 lugares (1960), 1567 lugares (1977)	Metro-Goldwyn-Mayer do Brasil Ltda.
Cinema Rian	Palácio cinematográfico	1130 lugares (1942), 1090 lugares (1969), 922 (1983)	Luiz Severiano Ribeiro S. A. Comércio e Indústria, Empresas

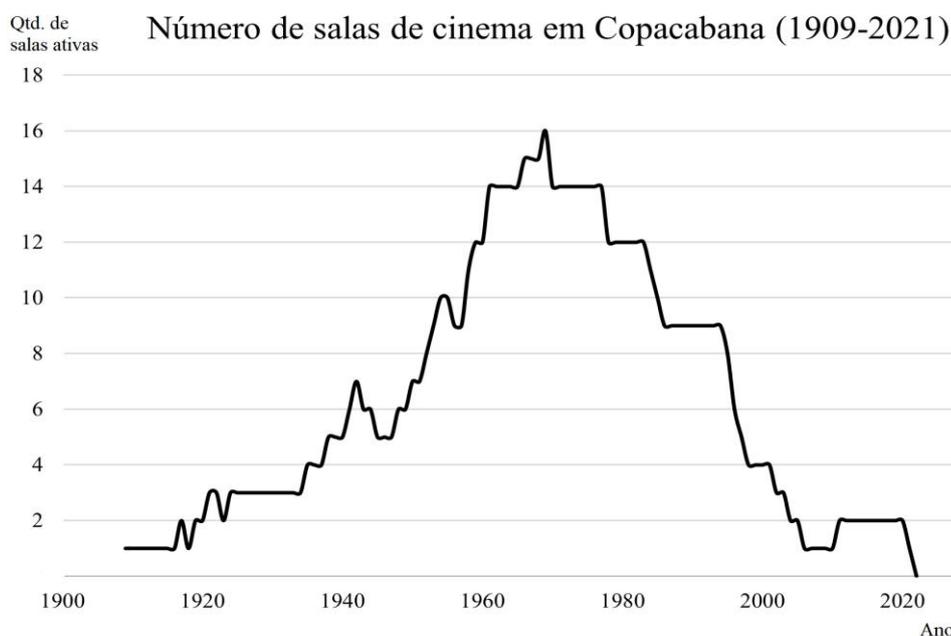
			Cinemas São Luiz Ltda.
Cineminha Cineac Infantil	Sala 16mm	173 lugares	Geysa Bôscoli
Cine Alvorada	Palácio cinematográfico	500 lugares	Harold Joppert, Lippert Filmes Ltda. (1952), Livio Bruni, Alberto Shatowsky
Cinema Art-Palácio	Palácio cinematográfico	901 lugares (1950), 884 lugares (1969), 836 (1996)	Cinemas Art- Palácio S.A, Art Films S.A
Cinema Royal	Sala de galeria	240 lugares (1970)	Empresa Cinemas Leopoldina Ltda. (1952-56), Bruni & Cia. Ltda. (1956-1985)
Cine Alaska	Sala de galeria	519 lugares (1960), 420 lugares (1970)	Cinemas Lux S.A.
Cine Caruso Copacabana	Sala acoplada a edifício	867 lugares (1954), 804 (1969), 506 lugares (1983)	Cinemas Unidos S.A. (1954-1964), Cinemas Verde-Caruso (1971-1976), Atlântida Cinemas S.A. (1976 em diante)
Cine Ricamar	Sala acoplada a edifício	829 lugares (1958)	Cinemas Ricamar S.A., Cooperativa Brasileira de Cinema Ltda. (1978-1989), Cinemas Ricamar S.A. (1989-em diante), exibidor: Silvio Guedes de Carvalho
Cine Riviera	Sala de galeria	650 lugares (1958), 551 lugares (1969), 443 lugares (1973), 210 lugares (1994)	Cinematográfica Riviera Ltda. (1958-1973), Grupo Nacional de Diversões (1973-1980), Cinematográfica Riviera Ltda. (1980-1983), Gaumont do Brasil (1984-1986), Belas Artes Filmes (1991-1995)
Cine Flórida	Grande sala técnica	?	Lívio Bruni
Cinema Paris Palace	Sala de galeria	713 lugares (1961), cerca de 500 lugares (1972), 403 lugares (1990)	Esplendor Filmes S.A., Lívio Bruni (1964-1968), Esplendor Filmes (1968-1972), Grupo Nacional de Diversões (1972-1980), Esplendor Filmes S.A. (1980-1990), Grupo Estação Botafogo
Cine Bruni Copacabana	Sala de galeria	547 lugares (1961), 547 (1974), 541 (1983), 522 (1984), 411 lugares (1989)	Lívio Bruni (1961), César Bruni, Franco Bruni e Lívio Bruni Júnior (1974), Lívio Bruni (1975-1979), Cooperativa Brasileira de Cinema Ltda. (1980-1982), EBIL - Exibidora cinematográfica Iguazu (1983-1995)
Cine Condor Copacabana	Sala acoplada a edifício	1044 lugares	Empresa Verde Cines S.A. (1966-1976), Cinema International Corporation

			Distribuidora de Filmes Ltda. (1976-1997)
Cine Hora	Sala de galeria	108 lugares (1969), 106 lugares (1973), 95 lugares (1991)	Esplendor Filmes S.A. (1969-1991), Grupo Estação Botafogo (1991-2005)

Fonte: Elaboração própria a partir de Gonzaga (1996) e Sousa (2013)

A partir dos dados compilados nas tabelas, realizamos gráficos e tabelas para verificarmos os padrões espaço-temporais. Primeiramente, é possível observar o desenvolvimento da atividade e do conjunto de salas de Copacabana ao se analisar o número de salas em funcionamento por ano, como mostra o Gráfico 1. Nele é possível ver representadas a ascensão e a queda na quantidade de estabelecimentos que se experienciou ao longo dos 113 anos. Em poucas décadas, Copacabana passou de um conjunto com poucos cinemas nas décadas de 1910, 1920 e 1930, para se tornar pouco a pouco um bairro reconhecido pela abundância de cinemas, culminando com 16 cinemas em 1969. Após esse momento de auge, a atividade deu uma arrefecida nas décadas de 1970 e 1980 e depois experienciou uma queda vertiginosa no final do século XX.

Gráfico 1: Número de salas ativas simultaneamente em Copacabana por ano (1909-2021)



Fonte: Elaboração própria a partir de Gonzaga (1996)

Ainda que o gráfico anterior nos apresente a dinâmica cronológica a partir da variável de quantidade, ela por si só não nos indica o tamanho do conjunto de cinemas, se pensarmos em alcance de público, pois é possível que um bairro com apenas uma sala de cinema tenha mais capacidade que outros com dez salas. Basta para isso que o cinema do primeiro bairro tenha proporções de palácio, com mais de mil lugares, e os do segundo bairro hipotético sejam pequenas salas, com capacidade para não mais de cem pessoas. Assim, para observar o tamanho do conjunto analisaremos a capacidade de público das salas, e como essas variaram ao longo do tempo, como pode ser observado no Gráfico 2.

Se observado em conjunto com o Gráfico 1 é possível constatar que embora sejam visualmente parecidos no formato da curva, algumas discrepâncias interessantes podem ser averiguadas. Primeiramente, no período inicial da atividade, até 1940, apesar do conjunto não ultrapassar três salas simultaneamente abertas, há um crescimento que pode ser observado no Gráfico 2. Isso se dá devido ao fechamento rápido das pequenas salas que eram o Cinema Copacabana, que funcionou de 1909 a 1912, e o segundo Cinema Copacabana, aberto de 1913 a 1917, ao passo que era inaugurado o Cinema Americano em 1916 e o Cinema Atlântico em 1919, ambos com capacidade para mais de 900 pessoas. Dessa forma, esse período inicial da atividade, mesmo que não alcance a expressividade que será vista nos anos subsequentes, já começava a estabelecer alguns dos cinemas de maior notabilidade do bairro.

Há que se destacar também, que ao contrário do que se observa no Gráfico 2, a grande mudança na escala do conjunto de salas se dá na década de 1940, que é quando os grandes palácios abrem. Isso causa um aumento considerável na capacidade de público do conjunto, sem, entretanto, que haja um grande incremento no número de salas. Importante destacar que a variável de capacidade é alterada com mais frequência do que a variável de número absoluto de salas, pois de tempos em tempos ocorreriam reformas que remodelavam as salas. Um bom exemplo é o Cine Riviera, que inaugurou em 1958 com capacidade para 650 pessoas e em 1994 comportava apenas 210.

É plausível ainda, relacionar o momento de ápice da capacidade do conjunto com a ascensão de Copacabana como um subcentro da cidade do Rio de Janeiro. Como discutido no capítulo de caracterização do bairro, a partir dos anos 40, Copacabana não apenas crescia rapidamente no tangente a população, mas também paulatinamente se tornava uma forte centralidade de comércio e serviços.

Gráfico 2: Capacidade de público do conjunto de salas de cinema de Copacabana (1909-2021)

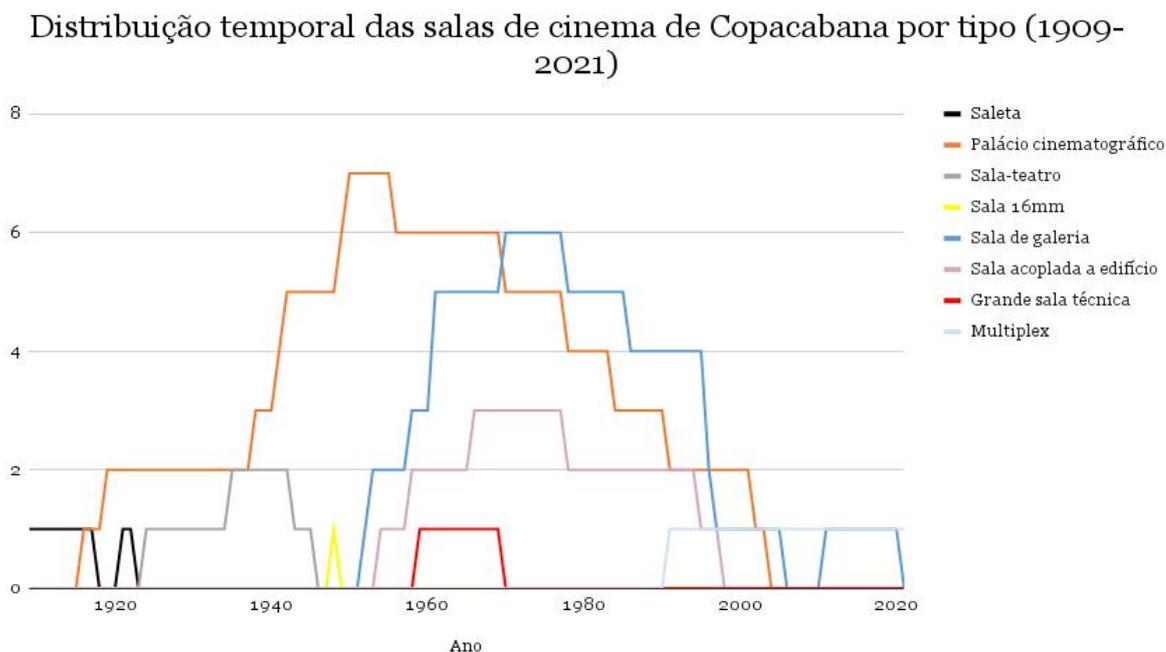


Fonte: Elaboração própria a partir de Gonzaga (1996)

No gráfico 3 se observa a distribuição temporal dos tipos de salas de cinema ao longo dos anos de atividade. É possível constatar primeiramente, ao correlacionarmos o tipo da sala com a época em que foram construídas: as saletas bem no início do século XX, os palácios cinematográficos como o tipo predominante no fim da primeira metade do século XX, e as salas de galeria, atingindo o protagonismo na segunda metade do século XX.

Observa-se também que a queda no número de palácios ocorreu cerca de duas décadas antes da decadência do número de salas de galeria. Uma possível hipótese é a necessidade maior de recursos necessários para a manutenção dessas salas devido ao tamanho ou ainda à dinâmica imobiliária atuando sobre esses grandes espaços nas décadas de 70 e 80.

Gráfico 3: Distribuição temporal das salas de cinema de Copacabana por tipo (1909-2021)



Fonte: Elaboração pelo autor a partir de Gonzaga (1996) e Sousa (2013)

Utilizando os gráficos e as tabelas apresentadas acima foi possível conceber uma periodização específica para a difusão da atividade de exibição cinematográfica em Copacabana. O gráfico 4 mostra essa divisão sobreposta ao gráfico 1, com o número de salas ativas por ano em Copacabana.

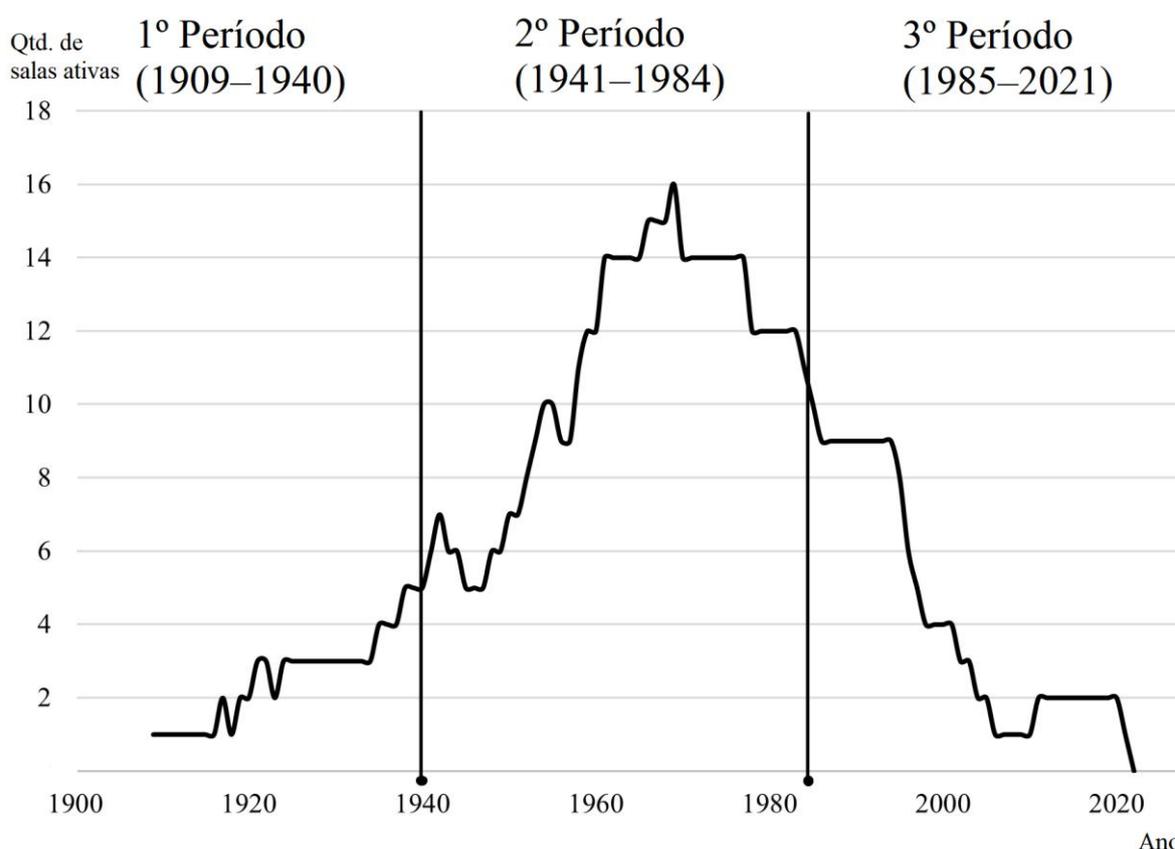
O primeiro período, de 1909 a 1940, iniciado com a inauguração da saleta Cinema Copacabana de apenas 160 assentos em 1909, é marcado pelos primeiros passos da atividade, com poucas salas funcionando simultaneamente. Foi o período no qual o maior número de salas encerrou as atividades prematuramente. Cabe lembrar, que nesse período Copacabana também ainda estava se consolidando, com uma população modesta e ocupação bem recente, mesmo que ao final desse período já se deflagravam as transformações que levaram ao crescimento do bairro. Ao mesmo passo, a atividade cinematográfica no Rio de Janeiro nessa época estava fortemente associada à Cinelândia e ao centro da cidade, e os bairros distantes desse centro ainda estavam abrindo seus primeiros cinemas. Porém, as salas mais relevantes de Copacabana abriram já nesse primeiro momento, como o Cinema Americano, em 1916, o Cinema Atlântico, em 1919, e o Cine Roxy, em 1938, os primeiros palácios cinematográficos do bairro. Outro tipo relevante nesse período são as salas-teatro, que nesse caso eram anexos aos cassinos, o Copacabana Cassino Teatro, inaugurado em 1924, dentro do hotel Copacabana

Palace, e que após o fechamento do espaço, manteve-se apenas a função de teatro, e o Cine Varieté, anexo ao Cassino Atlântico e aberto em 1935.

O segundo período se inicia com a abertura do Cine Metro Copacabana, o quarto palácio do *cluster* central, e que marca um período de rápida expansão da atividade, com a instalação de cinemas ao sul do bairro e o fortalecimento do eixo central de cinemas. As décadas de 50 e 60 foram prolíficas no que tange a abertura de salas, abrindo seis salas nos anos 50 e cinco salas nos anos 60, mais do que dobrando o número de salas abertas. A maioria das salas abertas nesse período eram salas de galeria, simbolizando também o crescimento desse tipo de associação comercial no bairro. No fim desse período já se constata estagnação e início de uma queda da atividade

O terceiro período é marcado pela redução vertiginosa do número de salas do conjunto, iniciando com o fim do Royal em 1985, chegando a sete fechamentos em menos de uma década. Os cinemas Roxy e Jóia que resistiram um pouco mais, fecham logo no início dos anos 2020.

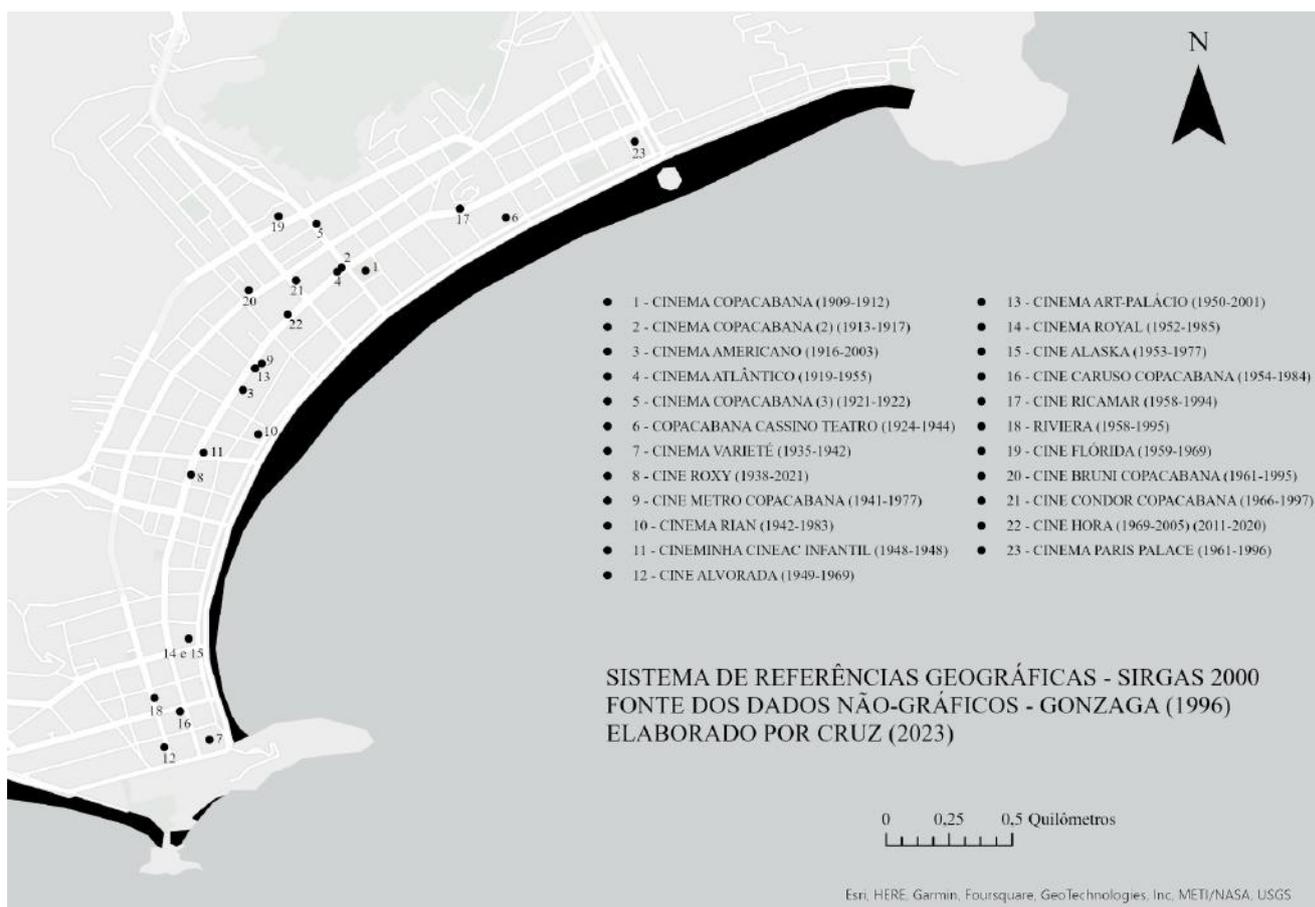
Gráfico 4: Periodização ilustrada a partir da quantidade de salas de cinema ativas



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Gonzaga (1996)

A figura 3 é um mapa com a localização das salas de cinema de Copacabana, numerados segundo o ano de abertura. Observamos de maneira geral que a maioria dos cinemas (12 dos 23) foram instalados próximos ao centro comercial do bairro, nas ruas Siqueira Campos e no trecho central da Avenida Nossa Senhora de Copacabana. Na ala sul do bairro, no limite com o bairro de Ipanema, também se concentraram algumas salas, instaladas bem próximas umas às outras. Há também alguns outros cinemas mais isolados, como o Cinema Paris Palace, bem ao norte de Copacabana, já próximo ao Leme.

Figura 3: Mapa com a localização das salas de cinema de Copacabana (1909-2021)

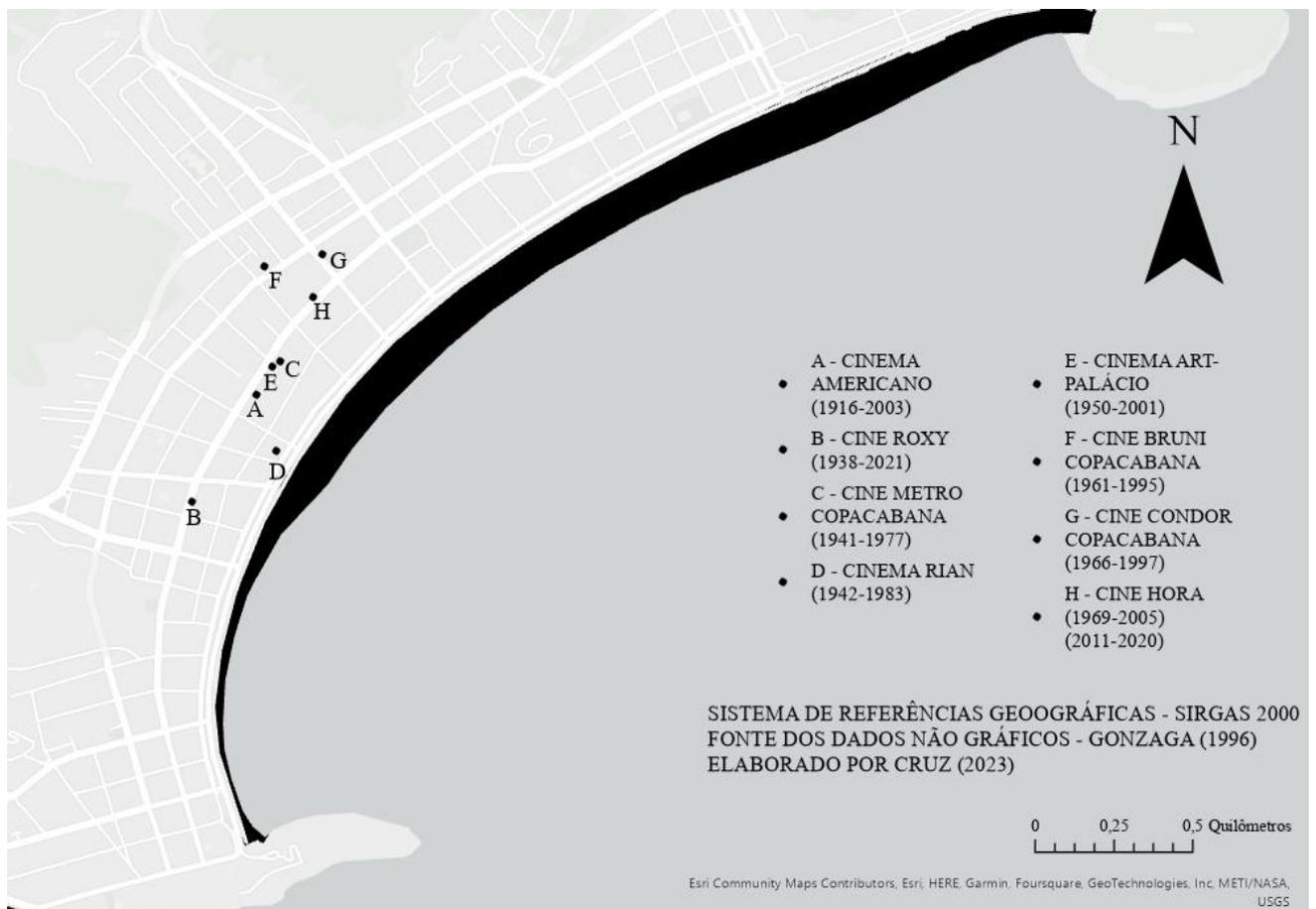


Fonte: Elaborado pelo autor

Como mostra o mapa anterior se formaram alguns eixos com maiores concentrações na malha urbana do bairro, entretanto o que definiremos aqui como *cluster* não leva em consideração apenas a localização, mas se houve ou não um período no qual as salas estavam ativas simultaneamente e qual foi a duração dessa atividade coletiva do *cluster*. Assim, a figura 4 é um mapa do *cluster* central do bairro que, no ano de 1969, alcançou oito cinemas e que durante 55 anos foi composto por ao menos cinco salas. Os últimos cinemas do bairro, o Cine

Roxy e o Cine Jóia (antigo Cine Hora), pertenciam a esse eixo. Essa área não apenas concentrava um alto número de salas como contava também com salas de grande porte. No ano de auge da atividade, em 1969, dos 12.182 lugares de capacidade do conjunto de salas 8.026 estavam nas salas desse *cluster*, cerca de 66% do total do conjunto. Em um momento anterior, em 1950, esse número chegou a 82% (6.715 dos 8.176 assentos), mostrando a importância desse *cluster*. A respeito dos proprietários verificamos casos em que um mesmo dono tinha múltiplos cinemas nesse agregado, visto que apenas Luiz Severiano Ribeiro (dono do Americano, Rian e posteriormente o Roxy) e o grupo Cinemas São Luiz (que em determinado momento também dirigiu o Roxy e o Rian) administraram mais de um cinema simultaneamente.

Figura 4: Mapa com o *cluster* central de salas de cinema em Copacabana

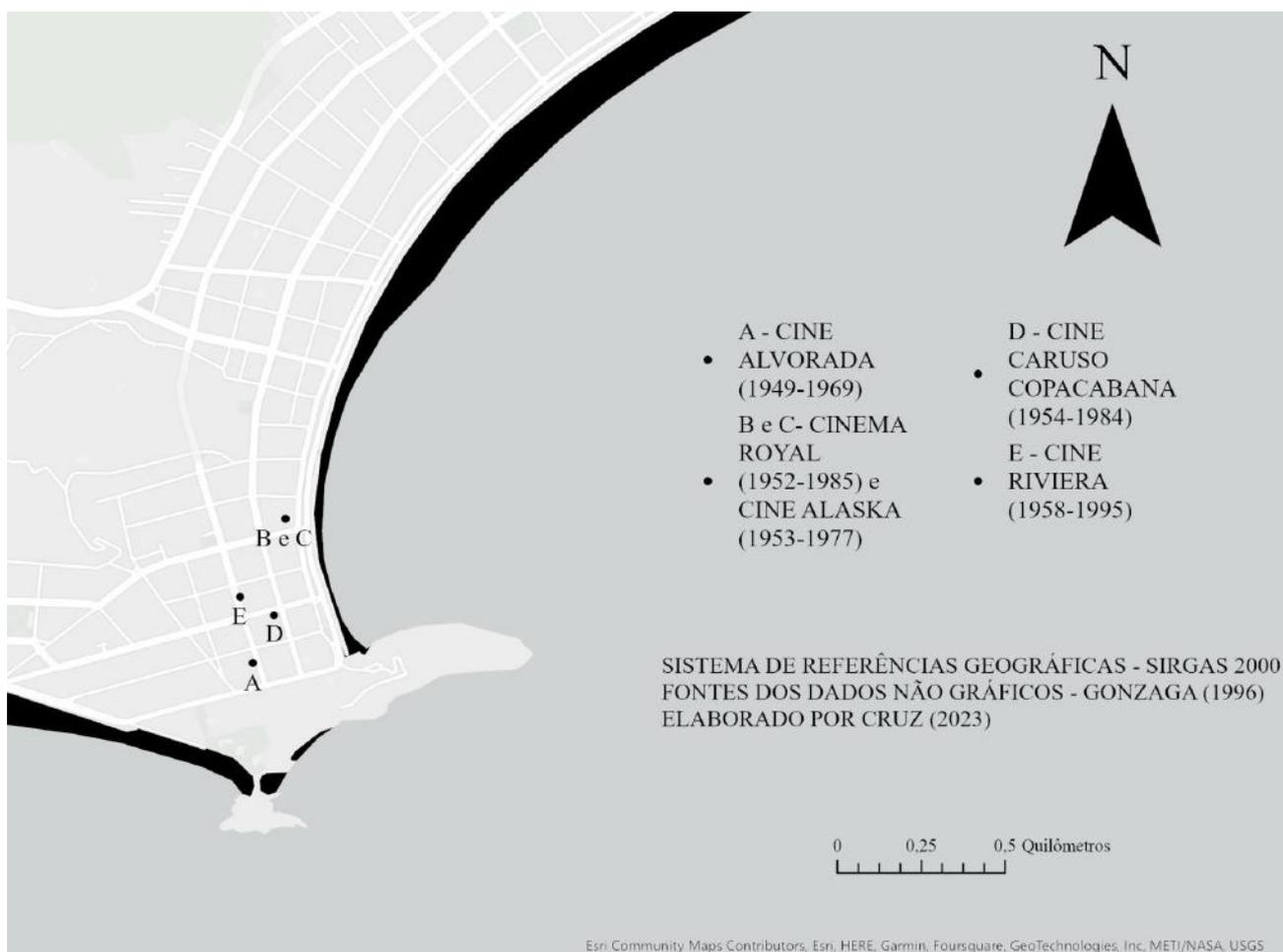


Fonte: Elaborado pelo autor

O outro cluster relevante, embora menor e que se desfez mais rápido, se localizava no sul do bairro como mostra a figura 5. Anteriormente, o único cinema nessa parte do bairro havia sido o Cine Varieté, que funcionou de 1935 a 1942. Mas, a partir do início da década de 50, foi

se formando um aglomerado de salas, e que teve cinco salas ativas simultaneamente de 1958 a 1969. Das seis salas abertas na década de 50 em Copacabana, quatro pertenciam a esse *cluster*. No ano de auge do *cluster*, em 1961, dos 6.384 lugares do conjunto 2.776 estavam nele, aproximadamente 43% do total. Nesse caso, o único dono com mais de um cinema foi Lívio Bruni com o Cinema Royal e Cine Alvorada.

Figura 5: Mapa do Cluster da ala sul de Copacabana

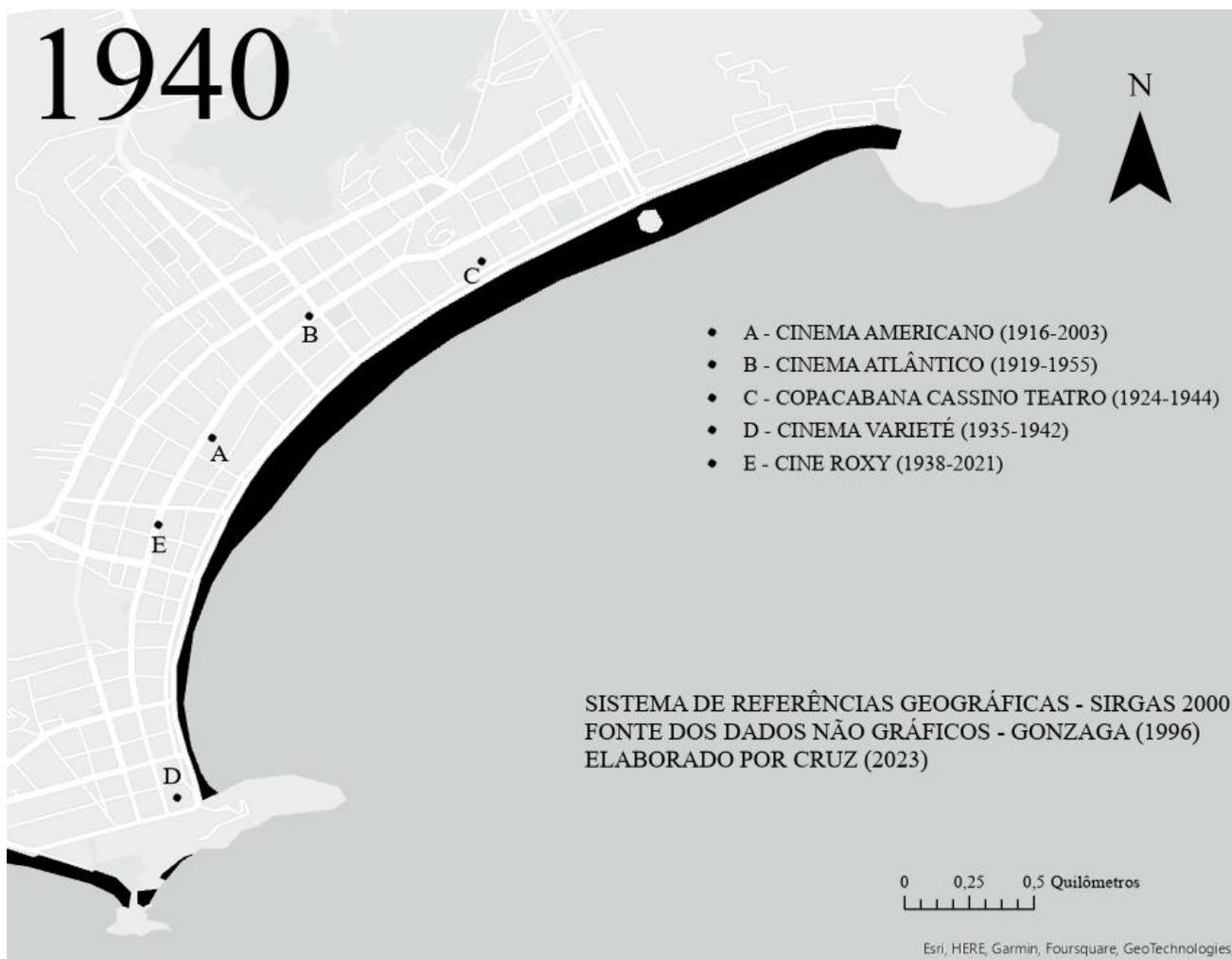


Fonte: Elaborado pelo autor

É também relevante apontar a disposição espacial das salas nos momentos-chave da atividade 1940, 1969 e 1985, pois ajuda a entender os processos que ocorreram, apontando para uma visão mais dinâmica e detalhada do que a figura 4, que tem a intenção de apresentar de forma mais geral. Assim, a figura 6 apresenta a distribuição do conjunto de salas em 1940, momento de transição entre o 1º e o 2º período. Verifica-se uma distribuição esparsa, com apenas cinco cinemas instalados e bem distantes entre si, ainda que esse seja um número superior aos anos anteriores. Nos anos seguintes o Varieté e Copacabana Cassino Teatro

fecharam, em 1942 e 1944 respectivamente, e, em 1955, o Cinema Atlântico fecha também as portas, mas ainda sim esse foi o momento que deu a base para os anos de auge da atividade, com a inauguração Cine Metro Copacabana no ano seguinte consolidando o início de um eixo central com grandes e luxuosos palácios cinematográficos.

Figura 6: Mapa com a distribuição espacial das salas de cinema de Copacabana em 1940



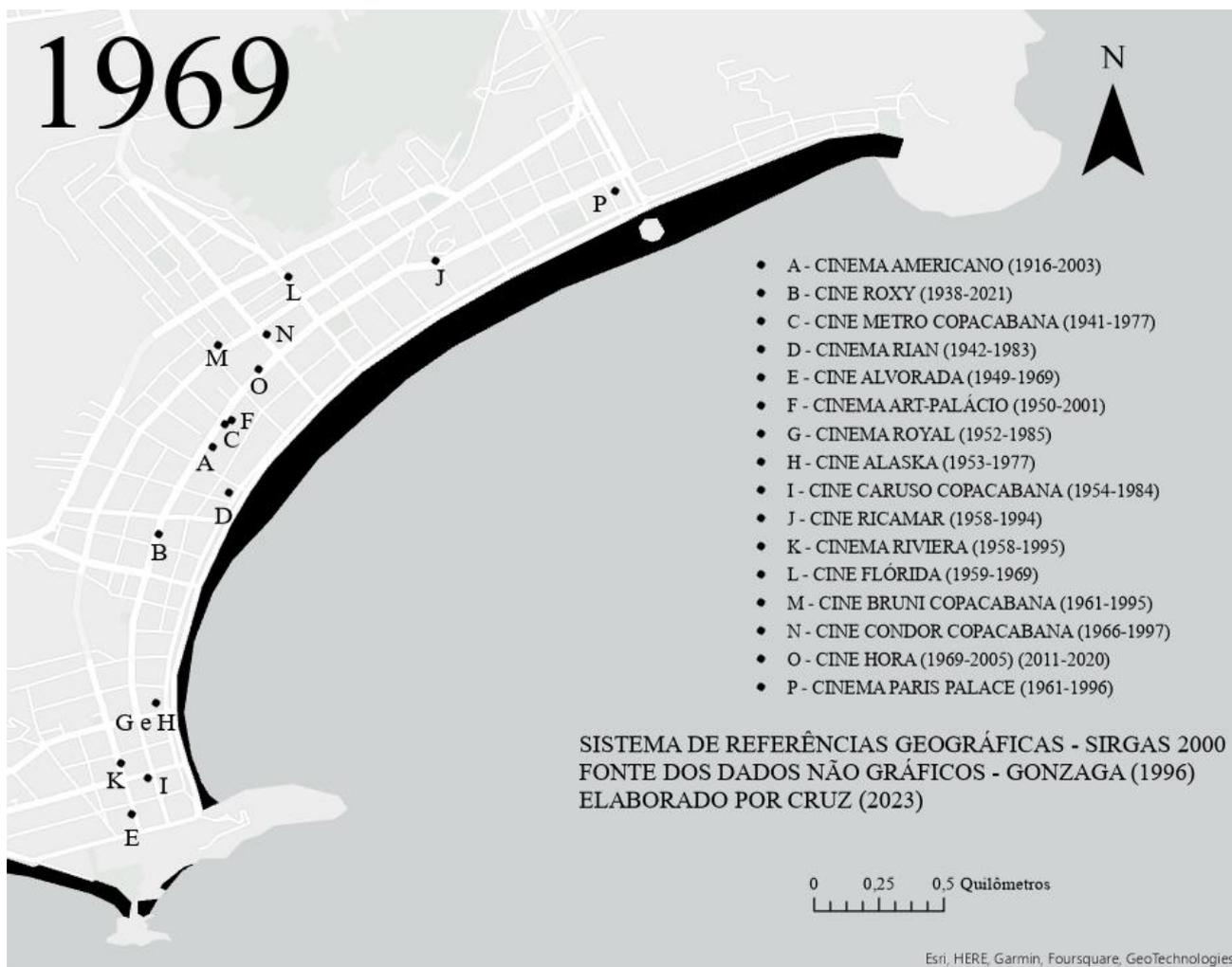
Fonte: Elaborado pelo autor

O segundo ano escolhido foi 1969, que registrou o maior número de salas ativas simultaneamente nos 113 anos de atividade, com 16 cinemas. É um ponto na evolução do conjunto de salas que ilustra ao mesmo tempo os dois *clusters* em sua totalidade. É também o ano no qual houve a última inauguração³ e, já que nesse mesmo ano fecharam o Cine Flórida e

³ Isso se não levarmos em consideração a reinauguração do Roxy após as obras de divisão de salas em 1991 e a reinauguração do Cine Jóia (antigo Cine Hora) em 2011.

o Cine Alvorada, os números de salas ativas nos anos posteriores não alcançaram novamente esse ápice.

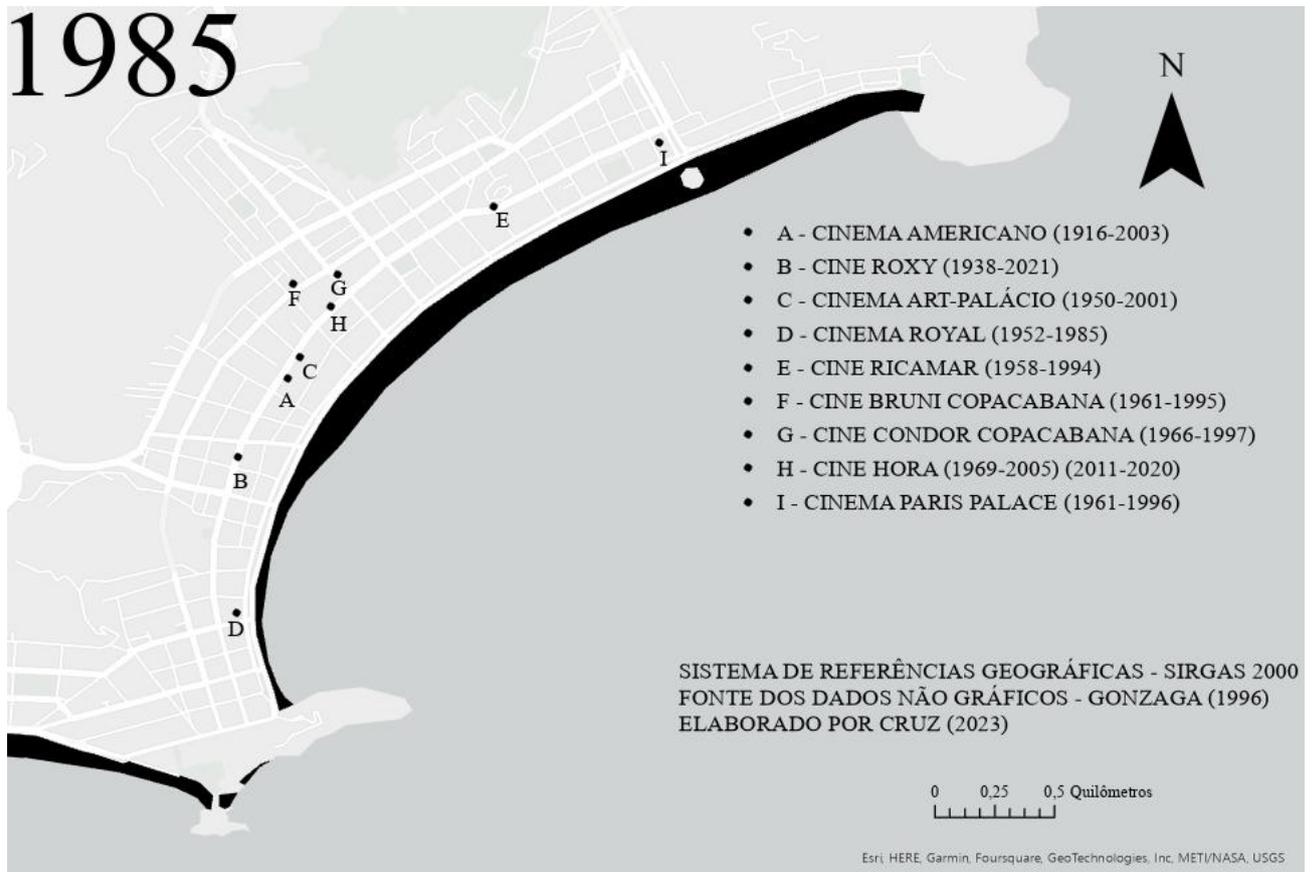
Figura 7: Mapa com a distribuição espacial das salas de cinema de Copacabana em 1969



Fonte: Elaborado pelo autor

O último momento escolhido mostra o enfraquecimento que estava se acentuando pouco a pouco na atividade. O *cluster* na ala sul desapareceu, e o *cluster* central perdeu algumas salas. A partir desse momento o restante das salas rapidamente foi se desmanchando. O Royal fecha ainda em 1985, encerrando a atividade na ala sul, nos anos 90 e início dos anos 2000 fecharam o Cine Ricamar em 1994, o Cine Bruni Copacabana em 1995, o Cinema Estação 1 (antigo Paris Palace) em 1996, o Cine Condor Copacabana em 1997, o Cine Art-Palácio em 2001 e o Cinema Americano em 2003. Essa concentração de fechamentos marca o último período, em especial o período (1994-2003) no qual após ele restaram apenas o Cine Joia e o Roxy, que acabaram sucumbindo em 2020 e 2021 respectivamente.

Figura 8: Mapa com a distribuição espacial das salas de cinema de Copacabana em 1985



Fonte: Elaborado pelo autor

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apresentamos no presente texto, o ângulo dos padrões espaço-temporais de uma atividade econômica é uma interessante possibilidade de análise pois conjuga as características da organização espacial da atividade em uma perspectiva de longa-duração. Enriquecendo então a compreensão que pôde ser alcançada a respeito da evolução de um ramo da indústria cultural, em um bairro reconhecido pela difusão de tal ramo.

Por ser uma atividade em decadência e que é fortemente suscetível a questões locais, a análise que realizamos sobre as salas de cinema de Copacabana pode ser realizada em quaisquer outros bairros e cidades, levando a outros novos modelos explicativos para as diferentes formas de evolução de um conjunto de estabelecimentos comerciais, nesse caso, os variados modos

pela qual a exibição cinematográfica pode se desenvolver espaço-temporalmente a depender das variáveis locais.

Também esperamos que o estudo realizado sirva como um documento em nome da memória de um coletivo de formas urbanas culturais que marcaram a vida de múltiplas gerações, e que na paisagem atual do bairro de Copacabana é apenas uma lembrança de um passado não tão distante, observável a partir dos vestígios que ainda restam ao se caminhar pelas ruas do bairro.

7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Elizabeth Dezouart et al. **História dos Bairros** – Copacabana. Rio de Janeiro: Editora Index/João Fortes Engenharia, 1986.

CORRÊA, 1995. Espaço: um conceito-chave na Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

FERRAZ, Talitha Gomes. **A Segunda Cinelândia Carioca**: cinemas, sociabilidade e memória na Tijuca. Rio de Janeiro: Multifoco, 2009.

FIORAVANTE, Karina Eugenia. **Geografia e cinema**: a produção cinematográfica e a construção do conhecimento geográfico. Tese (Doutorado em Geografia) – PPGG/UFRJ, Rio de Janeiro, 2016.

GONZAGA, Alice. **Palácios e Poeiras**: 100 anos de cinema no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Record, 1996.

KLINGER, Barbara. **Beyond The Multiplex**: cinema, new technologies, and the home. Londres: University of California Press, 2006.

O'DONNELL, Julia. **Um Rio Atlântico**: culturas urbanas e estilos de vida na invenção de Copacabana. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – MN/UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

PRATT, Andrew. An economic geography of the cultural industries. In: LEYSHON, Andrew; McDOWELL, Linda; LEE, Roger. (Orgs.). **The SAGE Handbook of Economic Geography**. Londres: SAGE, 2011. p. 322-337.

RANGEL, Cynthia Campos. **As Copacabanas no tempo e no espaço**: Diferenciação socioespacial e hierarquia urbana. Rio de Janeiro: FASE/IPPUR, 2003.

REIS JUNIOR, João Alves dos. **O livro de imagens luminosas**: Jonathas Serrano e a gênese da cinematografia educativa no Brasil (1889-1937). Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Departamento de Educação, PUC-RJ, Rio de Janeiro, 2008.

RIOTUR. **Copacabana – 1892/1992**: Subsídios para a sua História. Rio de Janeiro: RIOTUR, 1992.

SOUSA, Márcia Cristina da Silva. **Entre achados e perdidos**: colecionando memórias dos palácios cinematográficos da cidade do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Memória Social). Programa de Pós-Graduação em Memória Social – PPGMS. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2013.

SOUSA, Raquel Gomes de. Processo espaciais e os cinemas: análise da metrópole carioca. **Anais do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos**, 2014.

SOUSA, Raquel Gomes. **Salas de cinema no Rio de Janeiro**: 1896-1995. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

VELHO, Gilberto. **A Utopia Urbana**: Um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972

_____, Os mundos de Copacabana. In: VELHO, Gilberto. **Antropologia Urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.